

São Paulo, 15 de maio de 2014

Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP)

Aluna: Rosely Teixeira Gomes - Ciclo I

Análise do filme *Philomena*

Neste texto, analisarei o filme *Philomena* (Reino Unido, 2013) à luz de alguns conceitos psicanalíticos estudados no curso até agora. Utilizarei o livro homônimo, de Martin Sixsmith, como apoio a esta análise, em especial para complementar informações acerca da personagem principal, pois muitos aspectos de sua personalidade ficaram obscuros pela própria limitação do veículo cinema.

A história, filmada pelo diretor Stephen Frears, baseia-se na vida de uma pessoa real, Philomena Lee, representada pela atriz Judi Dench. O livro foi escrito pelo jornalista Martin Sixsmith, no filme representado por Steven Coogan, que a auxilia na busca de seu filho.

A trama inicia-se na Irlanda, um país de forte tradição católica, em 1952. Depois de um encontro com um rapaz, num parque de diversões, a adolescente Philomena, de 16 anos, fica grávida. Ela o conhece enquanto se mira em espelhos que distorcem imagens. É possível supor que, ao olhar diferentes imagens refletidas de si mesma, perderá a inocência.

Órfã de mãe, pois ela havia morrido de tuberculose quando a menina tinha seis anos, e rejeitada e punida pelo pai, é enviada para um convento de freiras (como era costume naquela sociedade conservadora) em Roscrea, Irlanda, onde enfrenta toda a sorte de intimidações por parte das freiras.

A abadia abriga várias mães solteiras e ocupa um espaço físico mais sombrio, anexo ao convento. Ao chegar lá, Philomena é inquirida pela madre superiora, que exige detalhes “do pecado” cometido, como fazia com todas as adolescentes. No livro de Sixsmith, lemos a seguinte descrição que condiz com a cena do interrogatório de Philomena: "As meninas que foram até o seu escritório gaguejavam e coravam de vergonha por seus pecados - e madre Barbara as estimulava a recontá-los com o máximo de detalhes que pudessem lembrar" (SIXSMITH, 2013, p. 27).

A madre, então, perguntava: “Me diga, menina, os cinco minutos de prazer compensaram isso tudo?”. A freira estava interessada em saber se a jovem tinha sentido prazer ao pecar. Apesar da alegação de Philomena de não ter tido orientação das freiras da escola, nem uma mãe que lhe ensinasse como os bebês são gerados, a freira culpou a jovem - e sua "indecência" - pelo ocorrido, pela "vergonha".

No próprio convento, Philomena dá à luz seu filho Anthony, sem nenhum alívio às dores do parto e às consequências dele, nenhum apoio médico. No livro, pode-se saber, ainda, que lhe é negado o direito de ser suturada após o parto, sob a alegação de que as dores seriam a punição pelo pecado cometido. Assim lemos em Sixsmith:

- Mas esse parto com o bebê sentado, a menina está com muita dor, com toda a laceração, e quero saber se posso pegar a chave do armário e dar a ela alguns analgésicos ou pedir para o médico costurá-la [...].
- Anunciata, tenho certeza que você não está me ouvindo, está? Quantas vezes já lhe disse que a dor é a punição pelo pecado? Essas garotas são pecadoras, têm que pagar pelo que fizeram. (Sixsmith, 2014 p. 26).

Dor e punição (a lógica do “crime e castigo”) acompanharam Philomena até

idade avançada. Neste ponto, cabe recordar as palavras de Sigmund Freud sobre o papel da religião e a limitação da ciência:

Se quisermos dar uma noção da natureza grandiosa da religião, devemos ter em mente o que ela propõe fazer pelos seres humanos. Dá-lhes informações a respeito da origem e da existência do universo, assegura-lhes proteção e felicidade definitiva nos altos e baixos da vida e dirige seus pensamentos e ações mediante preceitos, os quais estabelece com toda a sua autoridade. Com isso, ela preenche três funções.

Com a primeira delas satisfaz a sede de conhecimento do homem; faz a mesma coisa que a ciência tenta fazer, com os seus próprios meios, e nesse ponto entra em choque com ela. É a segunda das suas funções que a religião deve a maior parte de sua influência. A ciência não pode competir com a religião quando esta acalma o medo do homem em relação aos perigos e vicissitudes da vida, quando lhe garante um fim feliz e lhe oferece conforto na desventura. É verdade que a ciência nos pode ensinar como evitar determinados perigos e mostra-nos existirem determinados sofrimentos que ela é capaz de combater com êxito; seria muito injusto negar que ela é um poderoso auxiliar do homem; há, contudo, muitas situações em que se vê obrigada a deixar o homem entregue ao sofrimento e apenas pode aconselhá-lo a resignar-se. Em sua terceira função, mediante a qual estabelece preceitos, proibições e restrições, a religião vai muito além da ciência. (Freud, 1933/1976, p. 197).

Na história aqui enfocada, então, fica evidente que, sobre Philomena, a religião católica, conforme os preceitos que lhe foram ensinados, exercia forte autoridade, bem como tinha o poder de apaziguar angústias, não obstante todo o sofrimento que os representantes dessa mesma religião lhe impingiram.

Após dar à luz, Philomena é obrigada a trabalhar duro no convento, em troca de abrigo para si e para a criança, com quem só pode ter contato durante uma hora por dia. É um trabalho escravo, portanto. Atua na lavanderia, serviço considerado o mais árduo de todos aos que são submetidas as meninas que, como ela, tiveram filhos fora do casamento. O jornalista denuncia o que se passava naquele lugar:

As irmãs recebiam roupas para lavar da cidade de Roscrea, Irlanda, e

de vilas próximas, de hospitais e escolas da região. Poucos dos que enviavam aquelas roupas poderiam imaginar as condições infernais em que eram lavadas. As freiras diziam às meninas que esfregar, torcer, passar a ferro simbolizavam a limpeza da mancha moral em suas almas, mas isso também era rentável para o convento: a Igreja podia querer salvar almas, mas não era avessa a ganhar dinheiro. (Sixsmith, 2013, p. 35).

O autor descreve o dilema moral de uma Igreja que, ao mesmo tempo em que se propõe a salvar as fiéis, delas abusa.

Pouco antes do aniversário de três anos de Anthony, ele é adotado juntamente com uma menina, um pouco mais nova, por um casal de americanos, e desaparece da vida de Philomena. A jovem não havia sido preparada para aquele momento, nem aparentava, de acordo com o filme, ter consciência de que abrisse mão do filho. No livro, contudo, fica claro que as mães sabiam que os bebês seriam adotados:

Não cabe a vocês, meninas, dizerem o que acontece com os bebês. Eles não pertencem a vocês mais do que o sol ou a lua. Seu papel é alimentá-los e trabalhar durante três anos. Depois, nós encontraremos mães adequadas, que merecem ter filhos. (Sixsmith, 2013, p. 49)

Cinquenta anos mais tarde, Philomena revela a sua filha que tivera um filho e decide procurá-lo. No mesmo dia, a filha encontra Martin Sixsmith numa festa e pede sua ajuda nesse sentido. Ele havia perdido seu emprego como jornalista político, estava num momento de baixa em sua reputação e pensava escrever um livro sobre a história Russa. Considerando o tema sugerido pela filha de Philomena – a história da senhora que, cinco décadas antes, fora forçada a desistir de seu bebê – jornalismo de segunda classe, Sixsmith refuta a ideia.

Em razão das circunstâncias, ele, mais tarde, resolve encontrar-se com Philomena e sua filha e acaba interessando-se por sua história. A investigação sobre o paradeiro de Anthony começa pela abadia, à qual Philomena já havia

voltado anteriormente, mas em vão.

As freiras alegam que houve um incêndio em que documentos foram perdidos, inclusive os que interessavam a Philomena, e impedem Sixsmith de indagar as irmãs mais idosas, que talvez pudessem se recordar do ocorrido no passado. A madre superiora, apesar das negativas, é amável e oferece chá e doces para a inocente Philomena, uma senhora que tende a ser seduzida por gentilezas, sem julgar as motivações de quem lhe serve.

Culpada, ambivalente e coagida, Philomena tinha assinado um documento concordando que não procuraria saber do filho, nem prestar queixa sobre a adoção. Pelo livro, sabe-se que a jovem tentou argumentar, timidamente, contra tal assinatura, mas, sem saída, decide fazê-lo, e só então é liberada para deixar a Abadia. Esse documento, estranhamente como assinalou Sixsmith, não se queimara no incêndio.

As freiras têm papel significativo na vida de Philomena. Como representantes da religião católica vigente, julgam, condenam e punem, impedindo a mãe de ter qualquer notícia sobre o paradeiro do filho. Ao final da trama, ela descobre, ainda, que não apenas elas tinham realmente notícias de Anthony, como ele estivera no convento pouco antes de morrer, em busca de notícias sobre a mãe, e lá havia sido enterrado, sendo atendido nesse último desejo.

Conforme a trama se desenvolve, o passado de Philomena é revisto e esclarecido, durante o período em que ela e Martin Sixsmith viajam para os Estados Unidos, patrocinados por uma editora. Ela busca encontrar o filho, e ele, inicialmente, procura um trabalho. Aos poucos, Sixsmith afeiçoa-se a ela e passa a abraçar verdadeiramente sua história.

Durante a viagem, descobrem quem foi Anthony e também que ele havia morrido, de Aids, alguns anos antes. Michael Hess, como passou a chamar-se o filho de Philomena, foi personagem de destaque nos governos dos presidentes norte-americanos George W. Bush e Ronald Reagan. Era gay e teve ao menos um relacionamento afetivo importante, com Peter Olsen (Pete). Essa história é verídica.

A repressão

Meu interesse, neste texto, é esboçar uma análise sobre a personagem principal e, a partir daí, tecer alguns comentários sobre os demais personagens.

No filme, pouco somos informados acerca da infância de Philomena. Mesmo assim, podemos supor que, além do contexto social dos anos 1950, possa haver elementos na história pessoal de Philomena que nos permitam tecer hipóteses sobre suas escolhas e seu posicionamento nas situações pelas quais passou.

Philomena apresenta características sociossintônicas com sua época, com as mulheres de sua geração e com o lugar onde nasceu e se criou. É reprimida e, por esse viés, não sabe lidar com sua sexualidade e nem com sua agressividade e/ou assertividade no mundo.

Mostra-se assertiva apenas em três ocasiões no filme: quando resolve ficar nos Estados Unidos para saber mais do filho, quando decide enfrentar Pete, ex-namorado de Michael, que não quer recebê-los, e quando chama a atenção de Sixsmith por ter invadido a área privativa da Abadia e confrontado a madre superiora, Irmã Hildegard.

Ao ler o livro, sabe-se que ela tentou fugir do convento com seu filho, mas foi impedida. Sonhava sair dali. Havia a possibilidade de ela conseguir pagar uma soma considerável de dinheiro à época, com libras esterlinas, e, então, deixar o lugar, mas sem o bebê.

O livro estende-se sobre as profundas razões políticas e econômicas que explicam de que maneira as crianças conseguiam ter seus passaportes emitidos pela Irlanda para emigrar para os Estados Unidos. Realizava-se, por muitos anos, um conluio (sombrio) entre governos e a Igreja, com vantagens para todos. Não pretendo me alongar aqui sobre tais aspectos, pois acredito que o tema poderia servir de material para outro filme.

A repressão que constatamos em Philomena diz respeito tanto ao instinto sexual quanto ao instinto de agressividade. Philomena concebe o filho, numa "janela" de repressão de seus instintos. De acordo com Freud:

A satisfação de um instinto é sempre agradável. (Freud, 1915a/1996, p. 169).

Assim, por certo, a repressão não surge nos casos em que a tensão produzida pela falta de satisfação de um impulso instintual é elevada a um grau insuportável. [...] Aprendemos então que a satisfação de um instinto que se acha sob repressão seria bastante possível, e, além disso, que tal situação seria invariavelmente agradável em si mesma, embora irreconciliável com outras reivindicações e intenções. Ela causaria, por conseguinte, prazer num lugar e desprazer em outro. (Ibidem, p. 170).

Todos os anos que Philomena passou sem notícias do filho se transformaram num intenso desgaste para ela, que, de maneira estoica, mantém o assunto em segredo, enquanto cultiva a culpa. Freud comenta a energia necessária para manter a repressão:

O processo de repressão não deve ser encarado como um fato que

acontece uma vez, produzindo resultados permanentes. [...] A repressão exige um dispêndio persistente de forças, e se essa viesse a cessar, o êxito da repressão correria perigo, tornando necessário um novo ato de repressão. Podemos supor que o reprimido exerce uma pressão contínua em direção ao consciente, de forma que essa pressão pode ser equilibrada por uma contrapressão incessante. Assim a manutenção de uma repressão acarreta ininterrupto dispêndio de força, ao passo que sua eliminação, encarada de um ponto de vista econômico, resulta numa poupança. (Freud, 1915a, p. 174).

As freiras podem representar o superego rígido e altamente repressor, com o qual Philomena é conivente e, mais do que isso, ao qual se submete voluntariamente, pois sente que é protegida por ele evitando, assim, ousar para além de suas estreitas fronteiras. Caso isso ocorresse, teria de deparar com suas pulsões sexuais e seu desconhecido poder, além da culpa e do conflito.

Cabe ressaltar, também, que as freiras podem representar uma extensão de sua própria família, uma vez que, Philomena chega ali completamente imatura e fragilizada, autorizada pelo pai e já com os valores religiosos incutidos.

Ela recorre ao jornalista como que tomando emprestado dele o instinto de agressividade, do qual não sabe estar alijada e, no decorrer da narrativa, Sixsmith se transforma num representante e depositário de sua raiva, que, por recalque, ela não se permite experimentar. É de "carona" na libido dele, inicialmente despertada pela busca de nova oportunidade de trabalho, que Philomena se apoia para empreender a busca de seu filho, quase 50 anos depois. Freud também elaborou essa interação entre inconscientes:

Constitui fato marcante que o inconsciente de um ser humano possa reagir ao de outro, sem passar através do consciente. Isso merece uma investigação mais detida, principalmente com o fim de descobrir se podemos excluir a atividade pré-consciente do desempenho de um papel nesse caso; descritivamente falando, porém, o fato é incontestável. (Freud, 1915b/1996, p.222).

Durante a viagem aos Estados Unidos, notamos certa ambivalência nas

demonstrações de Philomena que, ao que parece, visa conscientemente mostrar uma “liberação sexual” muito além daquela que, de fato, a personagem parece alcançar no inconsciente até o final do filme. Há, inclusive, uma preocupação atual com a repercussão que a história viria a provocar no ambiente católico.

Ao lado de expressões como "bi curious" e da aparente naturalidade com que reage à notícia sobre a homossexualidade do filho, notamos um inconsciente reprimido e despreparado para lidar com estes dados. Tudo fica muito na superfície. Philomena tenta transmitir sua experiência, por meio da sua profissão de enfermeira que exerceu durante 30 anos e do contato com a homossexualidade de colegas. No entanto, a elaboração de conteúdos inconscientes está muito distante de ocorrer verdadeiramente.

Aliás, é curioso o fato de que seu filho também tenha sofrido o problema de repressão da sexualidade por conta da época e do meio (era membro do partido Republicano, que era especialmente conservador e dominado pela ideologia protestante) em que viveu, obrigando-se a aparecer publicamente com uma colega de trabalho em eventos sociais.

As defesas

Na personagem Philomena, a negação ou repressão da raiva (“A negação é um substituto, em grau mais elevado, da repressão”, conf. Freud, 1915b, p.213), bem como negação da realidade (ela nega as evidências do “pecado” das freiras, que parece supor “imaculadas”) ficam claras durante todo o filme, denotando mecanismos de defesa patogênicos do ego. Por exemplo, quando ela realmente acredita que teria havido um incêndio que destruíra todos os documentos ligados

às adoções, sem questionar que justamente aquele em que ela abria mão de futuras reivindicações em relação ao filho, houvesse sido “poupado”.

É Sixsmith quem faz o questionamento o tempo todo e expressa as possíveis críticas, revoltas, raivas e ódios, pois a personagem principal parece ter, de si, uma visão benevolente. Não lhe foi possível assimilar suas pulsões sexuais como algo natural, nem foi capaz de admitir seus sentimentos, tidos como inferiores, por seu superego identificado com os valores culturais da família e do comando que a abrigou.

Outra cena que reforça essa impressão é aquela em que Sixsmith ataca diretamente os representantes da Igreja, nas figuras do padre e das freiras. Como realcei, Philomena chama sua atenção, dizendo que “deve ser exaustivo ser um poço de ódio o tempo todo”. Ao final, tendo descoberto a manobra das religiosas, diz à Irmã Hildegard, uma das figuras mais repressoras da trama, que a perdoava. Ele, em seguida, diz à freira: “Eu não a perdoaria”.

É sobre essa característica do jornalista que Philomena se apoia, como um preposto de si mesma, evidenciando a dissociação de seus instintos agressivos, os quais, juntamente com a fala de Sixsmith, ela tenta reprimir de volta para o inconsciente, mais uma vez deixando evidente a comunicação entre inconscientes (entre o dela e o do jornalista).

Desvendado o mistério e aliviada da culpa por haver abandonado seu filho, Philomena muda e autoriza o jornalista a escrever a história, “pois as pessoas precisam saber o que se passou aqui”. No entanto, não fica claro se ela está ou não em contato com sua raiva. Aparentemente, o raciocínio é o mesmo que faz antes de dizer que ficou sem saber “se era mais pecado ter engravidado ou ter escondido da família o fato”.

Minha primeira impressão, ao assistir ao filme, foi a de que ela também lançava mão da superficialidade como defesa, pois não senti que ela pudesse ter se aprofundado na descoberta de si mesma a partir de toda essa vivência, apesar do sofrimento e da dor pelos quais passou uma vida inteira. Algumas cenas, ainda, deixaram-me a dúvida sobre se, de fato, ela teria conseguido perdoar-se profundamente, como aquela em que ela perdoa a Irmã Hildergard. Ao ler o livro, porém, pude tecer novas hipóteses.

Philomena gosta de ler romances superficiais e coloquiais. O fato de ligar-se a “outras histórias” que não às suas e conferir a elas importância desproporcional e exagerada, pode ser visto como uma resistência expressa como deslocamento. Freud discorre sobre as catexias:

As intensidades catexiais, no inconsciente, são muito mais móveis. Pelo processo de deslocamento, uma ideia pode ceder a outra toda sua quota de catexia, pelo processo de condensação pode apropriar-se de toda a catexia de várias outras ideias. (Freud, 1915b, p.213).

A asserção de que uma intensidade psíquica pode ser deslocada de uma representação (que é então abandonada) para outra (que daí por diante desempenha o papel psicológico da primeira) é tão desnorteante para nós quanto certas características da mitologia grega. (Freud, 1899/1974, p. 335).

Minha hipótese é de que o que Philomena realmente buscava era o perdão do filho. Ela consegue finalmente perdoar-se ao constatar que Anthony não a condenava por todo o ocorrido. Ao contrário, também quis conhecê-la e saber dela, fazendo questão de voltar às origens. Em minha opinião, esse é o eixo central do filme.

Tudo o que Philomena quer saber é se o filho a havia condenado, para garantir a confirmação ou não de sua culpa. Quando descobre que ele a havia procurado e buscado ser enterrado “em casa”, Philomena, parece finalmente

ter-se aliviado da culpa e perdoado a si mesma. Com essa energia liberada, ela autoriza a publicação de sua história, disposta a lidar com a repercussão dela e talvez, imbuída da intenção fazer o bem – para outras mães como ela, para outros filhos como o seu, para a própria Igreja e a sociedade – realizando, de alguma maneira, o ideal cristão conforme se pode supor por sua cultura religiosa.

No filme e no livro, temos a informação de que sua fé permaneceu inabalável todo o tempo, tanto que, atualmente, trabalha como adjunta do Papa Francisco no Vaticano. De minha parte, espero que Philomena tenha conseguido conciliar sua fé com as vivências que teve e tenha sido possível elaborar sua história da melhor maneira.

Por fim, permitindo-me certo devaneio, digo que, assim como Eva, Philomena come da árvore do Conhecimento. Ela morde a maçã do amor, no parque, antes de se entregar aos prazeres sexuais com seu parceiro desconhecido e, assim como Eva, é culpada pelo sofrimento que se segue. “Parirás com Dor”, vaticinou o Deus do Gênesis. Essa sentença é literalmente endossada pela freira que assiste seu parto e que, ao constatar sua dor, ainda afirma: “Sua dor é sua punição”.

Que novas Evas possam comer do fruto do conhecimento e, realmente, desfrutar do prazer de se conhecer!

Referências

FREUD, Sigmund (1899). “Lembranças encobridoras”. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Tradução sob direção de Jayme Salomão. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. (1915a) “Repressão”. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros Trabalhos**. Tradução sob direção de Jayme Salomão. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1915b) “O inconsciente”. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros Trabalhos**. Tradução sob direção de Jayme Salomão. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1933). “Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung*”. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos**. Tradução sob direção de Jayme Salomão. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Philomena (filme). Autor: Martin Sixsmith. Diretor: Stephen A. Frears. Produtores: Gabrielle Tana, Steve Coogan e Tracey Seaward. Distribuído por Paris Filmes, 2013. Legendado em português.

SIXSMITH, Martin. **Philomena: uma mãe, seu filho e uma busca que durou cinquenta anos**. Tradução de Cláudia Mello. Campinas: Verus, 2014.